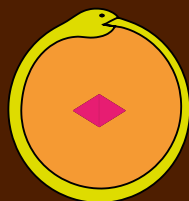


A decorative arch made of multiple parallel lines in the colors of a rainbow (red, orange, yellow, green, blue, purple, pink) set against a dark brown background.

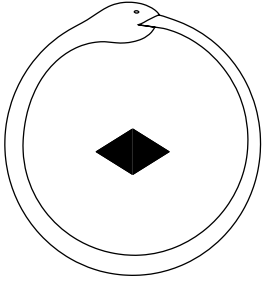
PÉS NO CHÃO
Veronica Pinheiro



cadernos
SELVAGEM

A decorative border at the bottom of the page consisting of multiple parallel lines in the colors of a rainbow (red, orange, yellow, green, blue, purple, pink) that wave across the width of the page.





PÉS NO CHÃO
Veronica Pinheiro

Peço licença para chegar, bênção aos meus mais velhos e aos meus mais novos. Agradeço à ancestralidade por me permitir honrar o solo sagrado. Em terras Kalunga, meu corpo fêmeo se desloca com casa e suprimentos nas costas. Kalunga, eu. Também sou terra povoada. Pelo caminho, me reconheço no barro vermelho que cobre as folhas das árvores na estrada. Sou barro. Me reconheço nas árvores. Sou semente de baobá. Me reconheço na estrada, confio no caminho. Com os pés no chão e o coração sorrindo, caminho cantando. Diferente da menina de capuz vermelho imortalizada pelos Irmãos Grimm, pela estrada afora, nunca estou sozinha.

Se acheque

Esse relatório poderia ser um diário de bordo de uma professora viajante que escolheu passar o recesso escolar numa caravana percorrendo sete mil quilômetros e conversando no caminho com crianças sobre escola e sobre a vida de criança na escola. Poderia ser o eco de uma memória recente ou o registro das saudades que vão me povoar. No entanto, as linhas que seguem são um convite. Convido você a andar descalço e a cirandar ao redor da fogueira. Tente não ceder à tentação de buscar significação ou finalidade para esse convite; a consciência ocidental do observador nos empurra à interpretação especulativa dos fenômenos. Tente apenas caminhar e cirandar comigo.

Me chamo Veronica Pinheiro, professora. Tenho aprendido a resumir tanta coisa na vida, meu nome é um bom exemplo. Possuo um nome próprio, polissílabo, proparoxítono, não acentuado por desconhecimento de meu pai. De tantas coisas que fiz e outras tantas que os certificados dizem que sei fazer, gosto de ser professora.

Foi professando, ora em escolas, ora fora delas, que a vida pareceu fazer sentido. O sentido das coisas me atrai mais do que as coisas. Quando digo sentido das coisas, não me refiro ao significado, desígnio ou propósito, mas de como sinto as coisas. Real e figurado ocupam o mesmo espaço em mim. Não há nada que me faça ficar tão sentida quanto ouvir o sinal que avisa que chegou o final de uma aula. Lembremos: o mesmo som do sinal da escola é o som do sinal tocado nas fábricas e nos presídios. Os códigos que sujeitam os sujeitos não mudam.

Nos últimos cinco anos, desempenhei funções administrativas em unidades de ensino da Secretaria Municipal de Educação carioca. Para atender a uma demanda da vida, pedi licença de minhas funções e, licenciada, pude caminhar por outras estradas. Por descuido ou por imaturidade, repetirei muitas vezes algumas palavras. Trata-se do processo, tudo ainda está se desenhando à medida que caminho por novas rotas.

Mesmo tendo pedido afastamento de minhas funções como servidora municipal, fui reconduzida, pelas formalidades administrativas, à sala de aula para aguardar a concessão da licença. Eita vida! Voltar para a sala de aula justamente no momento em que sou convidada a pensar sobre práticas educacionais. Pensar sobre crianças e escolas é o que eu faço todos os dias desde que o Selvagem Ciclo de Estudos sobre a Vida me convidou para coordenar o Grupo Crianças. Às vésperas do recesso da equipe de coordenadores da Comunidade Selvagem, precisei retornar à sala de aula para “dar aulas”. Não havia vaga em minha escola de origem, então fui conduzida a uma escola que necessitava de professor de Língua Portuguesa.

A escola ficava numa das treze favelas que compõem o complexo do Chapadão, na Pavuna, Rio de Janeiro. Semanas antes do retorno à

sala de aula, durante o planejamento das atividades do Grupo Crianças Selvagem para 2024, programamos realizar um semestre de encontros do Grupo Crianças com alunos de uma escola na Pavuna. Na ocasião, ninguém da equipe tinha relação alguma com o território. O motivo da escolha: o rio Pavuna deságua na Baía de Guanabara, e as águas da baía serão tema dos Encontros Selvagem no primeiro semestre de 2024. Até o momento da escrita deste texto, pensamos ser esse o motivo de ter uma escola da Pavuna em nosso planejamento.

Chego à escola em dia de feira; caminho pela rua principal, uma rua longa e cheia de encruzilhadas. Caminho. Não pergunto. Observo. Presto atenção. Aprendo o que posso. Tal qual Exu na casa de Oxalá, antes de ir postar-se na encruzilhada. Confio em quem guarda meu caminho. Confio no ciclo.

Como servidora municipal, exerci as seguintes funções: professora, coordenadora pedagógica, diretora adjunta e diretora escolar. Percorri muitos caminhos e encerro o ciclo com a função inicial: professora. O ciclo. Minha vida funcional poderia ser representada pelo ouroboros e sua dança sagrada de retorno ao começo. Uma carreira circular: começo, meio e começo. Segundo a gerência de pessoal da prefeitura, era fundamental que eu estivesse na função de professora regente para aprovação da licença sem vencimento. Fundamental mesmo foi o retorno. O encontro. As encruzilhadas. Os atravessamentos.

Junho de 2023: entre os alunos do sétimo e oitavo anos que conheci, alguns ainda não sabiam ler. Indevidamente, há quem responsabilize as crianças por não dominarem as habilidades esperadas para cada ciclo escolar. Pessoas que fazem isso esquecem que, historicamente, há um projeto permanente de apagamento das línguas tradicionais. Em território brasileiro, somos obrigados a chorar, rezar, sonhar e viver num idioma que não consegue expressar o que de fato sentem os indígenas e afro-brasileiros. Por crueldade, ensinam, nas escolas do Brasil, a língua oficial, de uma forma que não temos acesso às nossas línguas maternas, nem temos domínio técnico do português. O ensino básico é obrigatório no país. Com 6 anos de idade, uma criança é matriculada no primeiro ano do Ensino Fundamental. Um aluno que nunca foi retido durante o ciclo básico consegue finalizar o percurso em doze anos, nove no Ensino

Fundamental e três no Ensino Médio. Como, após doze anos de estudo, pessoas neurotípicas são consideradas analfabetas funcionais em nosso país? Que tipo de gente nossas escolas estão pretendendo formar?

Não há uma resposta única, nem um caminho linear a se trilhar a fim de resolver as questões de analfabetismo no Brasil. Mas é perturbador saber que uma criança pode passar mais de uma década na escola e sair de lá sem aprender a ler, escrever e interpretar. Chamamos as crianças de *infantes*, em latim, ‘aquele que não tem capacidade de falar’. Uma sociedade que considera uma pessoa incapaz pelo tempo de vida que ela possui precisa urgentemente se reavaliar.

Ao voltar à sala de aula, percebo que os números oficiais e a realidade escolar não confluem. Encontrei muitos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental, entre 13 e 16 anos de idade, que não sabiam ler e escrever. Como prática, antes de trazer informações e conteúdos curriculares, escuto as crianças, ouço suas histórias; respondo curiosidades a meu respeito. Tento dar voz. Espero, com isso, que eles se sintam capazes de falar. Tomo leitura ao pé do ouvido. Por último, peço uma fofoca por escrito. Segredos que ficam entre mim e eles. A fofoca é um gênero textual perfeito para saber o domínio narrativo de um aluno. Enredo, foco narrativo, personagens, tempo, espaço, explico isso à turma num outro momento. Ou nem preciso explicar, um bom fofoqueiro domina a estrutura. Assim construímos nosso primeiro vínculo, o mesmo vínculo das comadres que trocam receitas, compartilham saberes e constroem a memória de um lugar.

Encerrei o primeiro dia de aula exausta de tanto sentir. A garganta estava ressentida de tanto falar, falei alto, competindo com os ruídos de fora e de dentro da sala. Muitas vezes, eu produzia ruídos, pois falava coisas que não interessavam a ninguém na sala, que me ouvia só por educação. Me vi neles, já tive aquele rosto, já usei aquele uniforme e já desejei não estar sentada por cinco horas em silêncio. Alguém me pergunta se eu sou de “colocar moral na turma”, respondo que não estava ali pra isso. Eita vida! As crianças esperavam que eu demonstrasse força, porque é assim que o Estado se faz presente nas periferias, quase sempre. A escola muitas vezes é o lugar que reproduz o autoritarismo que domestica corpos e dociliza indivíduos. “O aluno perfeito copia, não

anda em sala, só fala quando autorizado, sabe controlar suas necessidades fisiológicas e responde o que o professor espera que ele responda.” Eita vida! Tento explicar que prefiro dias permeados de delicadezas. Que aprendi a pisar suavemente. Pareço estranha para eles. Provavelmente eu seja mais estranha do que pareço. Isso nunca me foi um problema. Antes de sair da escola, sou surpreendida por um abraço. Era Júlia, 15 anos de idade, que me segurava em seus braços e me pedia para ensiná-la a ler. Não sei o que mais me surpreendeu: o abraço, o pedido ou os olhos desejosos da menina.

Volto pra casa, ligo para minha amiga Lila. Choramos pela impotência que nos cabe. Sabemos das fragilidades da educação pública. Lila e eu sempre choramos juntas, alegria e desespero são os motivos mais recorrentes de nossas lágrimas. Lila é professora de Língua Portuguesa e, assim como eu, sonha e estuda possibilidades para um ensino em que alunos saboreiem os saberes, sem que nada seja empurrado goela abaixo de ninguém.

Depois de me ouvir, Lila diz que vai ao Quilombo São José da Serra, em Valença (interior do estado do Rio de Janeiro), por conta de suas pesquisas. Eu me ofereço para ir junto, pois nossas pesquisas se assemelham, e eu precisava estar perto de uma professora como Lila. Apenas professoras sonhadoras entendem professoras sonhadoras.

Lila e eu chegamos ao quilombo no final da manhã de um sábado. Somos recebidas por Dom Nelson. Ao vê-lo, me lembrei dos versos de “Oração ao tempo”, de Caetano Veloso. E cantei baixinho: “És um senhor tão bonito/ Quanto a cara do meu filho”. Nosso anfitrião é um senhor negro, extremamente gentil e encantador como os contadores de história. Ao entrar naquele território, tenho a sensação de voltar para casa. Tudo naquele lugar me é muito familiar. Não havia nada ali que me criasse estranheza.

Porém, uma coisa muito me espantou: todas as pessoas, absolutamente todas as pessoas do Quilombo São José se pareciam fisicamente comigo. Que loucura! Eu estava em casa. Essa é minha família! As meninas são idênticas a mim quando eu tinha a idade delas. Éramos iguais nos detalhes, das tranças coloridas até o formato das mãos. Mãos iguais às de minha mãe, pai e irmãos. Meu coração sabia que eu e aqueles meus irmãos éramos sementes de um mesmo baobá.

Esqueci por alguns momentos de Lila, caminhei em silêncio por terras quilombolas, tentando ouvir coisas que só os pássaros e o vento sabem. O quilombo estava quieto por conta do falecimento de Tia Tetê. Não cheguei a tempo de receber suas rezas e comer sua feijoada. Caminhando, encontrei três crianças, elas me contaram sobre o Jequitibá guardião do quilombo e sobre o jongo. Falaram que eu precisaria voltar depois, porque, enquanto tivesse luto, ninguém poderia chegar perto do Jequitibá. Assim como eu e os mais velhos do quilombo, os tambores também estavam em silêncio. Naquele final de semana, não haveria fogueira nem jongo. Timidamente, Dandara, na plenitude de seus 11 anos, me ensinou sobre esperar. Ainda não era tempo de tirar os sapatos e dançar de pés descalços com meus irmãos jongueiros da serra.

Quando terminaram os dias de vivência no quilombo, perguntei a Dom Nelson como eu poderia retornar para uma estadia mais longa, manifestei o desejo de escrever minha dissertação de uma casinha que vi vazia no território. Me despedi de Dom Nelson e sua família no dia 9 de julho de 2023. Dois dias depois, recebi dele um convite para partir rumo ao Piauí, para um encontro de comunidades alternativas, e durante o percurso visitar algumas comunidades e povoados tradicionais. A princípio, disse “não posso”; seriam vinte dias para ir e voltar do Rio de Janeiro ao Piauí num ônibus que possuía nome e sobrenome: Wiphala Caravana Arco-íris pela Paz. Seduzida pela possibilidade de uma paz colorida, aceitei o convite.

*Adeus cangoma¹ adeus
Adeus cangoma adeus
Adeus que eu vou embora
Eu vou meu cangoma fica
Aqui e até outra hora*

(Mãe Zeferina, Quilombo São José da Serra)

1. Cangoma = tambor de festa ou festa de tambor. Música de despedida.

Convite aceito. Recebi orientações. Surgem dúvidas. Sonho paisagens. Pipocaram curiosidades. Num PDF destinado aos caravaneiros estava escrito: traga um calçado forte e confortável. Minhas chinelas para todas as ocasiões e meus tênis coloridos não atendiam às exigências. Eu precisava ir calçada. Compro o único calçado de trilha que cabe em meu pé na loja. Ligo para Lenon, meu amigo experiente em trilhas e viagens longas; pergunto se a única bota que me cabe é adequada para o tanto de lugar que vou passar. Após a aprovação de Lenon, sigo tranquila com a aquisição. Meus pés estariam protegidos durante o percurso, essa era a única certeza que eu tinha.

Chegado o dia do embarque, me arrumei como quem parte para uma grande aventura. Saio do Rio de Janeiro com uma mochila emprestada que media quase minha altura e uma barraca de dormir toda chique, que comprei junto com minha amiga Lila. Parti carregando nas costas a felicidade de habitar em mim e levar nas mãos minha casinha de campo. O peso da mochila estava diretamente relacionado com a falta de experiência da viajante e com o medo de passar frio e fome. Decidi acompanhar a expedição cinco dias antes de a viagem começar. Lila não foi comigo, tinha compromisso em Manaus.

Cheguei ao encontro do Wiphala e seus tripulantes já à noite. Dois lindos jovens irmãos quilombolas, Abaiomi e Diguinho, me receberam. A eles apelido de Cosme e Damião, uma dupla de olhos azeviche e coração íntegro. Os meninos são filhos de Dom Nelson. Os ibejis quilombolas logo se tornaram meus grandes companheiros de viagem. Amigos. Irmãos. Guardiões em toda viagem. Wiphala nos levaria por sete mil quilômetros, seguindo este roteiro: Rio de Janeiro - RJ; Valença - RJ; São Paulo - SP; Ribeirão Preto - SP; Uberlândia - MG; Brasília - DF; Alto Paraíso - GO; Barreiras - BA; Formosa do Rio Preto - BA; Altos - PI; São Paulo; Rio de Janeiro.

Mal equilibrava nos ombros o peso do que pensei ser essencial. Essencial mesmo foi ter partido. Graças ao Wiphala, não precisei carregar tudo que levei nos momentos de visitas e montagem de acampamento. Wiphala, minha base, me permitia caminhar e acampar com poucas coisas.

Chamar o Wiphala de ônibus é um reducionismo quase infame. Há quem diga que é uma grande nave, um portal, um planeta habitável. Numa descrição formal, Wiphala faz parte da *Caravana Arco-íris pela Paz* e, portanto, trata-se de um pontão de cultura itinerante, uma ecovila móvel, uma pequena tribo de guerreiros arco-íris pela paz. Originada no México, em 1996, com Alberto Ruz, a *Caravana Arco-íris pela Paz* já percorreu 19 países dos continentes centro e sul-americano, realizando muitas ativações, compartilhando saberes, sentimentos e visões de amor e cura para a vida na Terra. A caravana é composta por cinco ônibus/ONG: BEIJA-FLOR; CARACOLA (caracol); LAGUILA (águia); MAZORCA (espiga de milho crioula); WIPHALA (bandeira dos povos originários de etnia Aymara).

A caravana, atualmente, está aportada em dois países: Brasil e México. No Brasil, Dom Nelson é o guardião do Wiphala. A ele cabem a condução e a regência da família arco-íris durante as viagens. Acompanhei seus movimentos bem de perto durante a expedição ao Piauí. Pra mim, o Wiphala foi uma escola da vida, pluriversal, dinâmica e geradora de possibilidades; e Dom Nelson, meu grande mestre.

Wiphala

*Wiphala lalalalaia
A grande nave vai partir
Dom Nelson vai comandar
A grande nave é colorida
Chama atenção por onde passar*

(Cidadão da Mata)

Uma lágrima correu pelo meu rosto, meus olhos espantados permaneceram fixos na janela por horas. Da boca da noite ao amanhecer, me interessava olhar para fora. Ver a paisagem mudando diante dos meus olhos me mantinha ocupada. Eu estava diante de mim, presa ao medo de voltar mudada demais. À medida que a paisagem mudava do lado de fora, eu mudava um cadinho também. Depois de muitas horas acordada, adormeci com os olhos cansados de tanto olhar pra fora. Talvez eu estivesse fugindo de tudo que estava acontecendo dentro do ônibus. Era a primeira vez que eu viajava com um grupo grande de pessoas. O silêncio me tomou por três dias.

Durante o silêncio, paramos em São Paulo, e a maior parte dos viajantes da caravana embarcou no Wiphala, entre eles, quatro crianças acompanhadas de seus responsáveis. Infante eu permaneci até que uma criança subiu em meu colo um pouco antes de chegarmos a Uberlândia. Um pequeno de quase 3 anos que viajava com sua mãe me obrigou a olhar pra dentro.

– Cavallo – Theo falou.

A mãe tentou traduzir o que o menino havia falado, eu a interrompi:

– Cavallo.

A comunicação extrapola a fonética; os seres se comunicam por vibração e vínculos. O menino, eu e o cavallo. Um outro mundo se criava pra mim. Cavalgamos quilômetros. Passei muitas horas sem olhar pra fora. Eram quatro crianças, nove adultos e um cavallo de plástico seguindo dentro do Wiphala. Entre as crianças, Lia, a única menina, falava pouco como eu.

Deitada, em silêncio, outra lágrima correu pelo meu rosto. Meus olhos agora estavam fechados. O menino dizia sem parar: “cavallo”. Ali tive a certeza de que não daria conta de escrever meu relatório de

2. Trata-se de uma expressão criada pelo jogador Dedeu, antigo craque lá das bandas de Sobral, no Ceará, quando já estava jogando pelo Náutico, de Recife. Um repórter recebeu de Dedeu exatamente essa explicação para uma jogada espetacular do jogador. *Eu fiz que ia, não foi, e acabei fundo*. A expressão logo tomou lugar no linguajar piauiense.

trabalho. Meu coração galopava para longe ao som das palavras do pequenino. Adormeci e sonhei com a estrada. Acordei na estrada. Longe de tudo, voltei a fixar os olhos na janela.

Dom Nelson, calado, parecia saber de tudo. Ele antecipa os pensamentos e as ações do grupo. Dele vêm as orientações, ajustes, conselhos. A cada parada, nos lembrava:

– Tirem os sapatos ao entrar no ônibus. Aqui é nossa casa, não mantenham os pés calçados aqui dentro.

Em alguns momentos, eu tinha a sensação de que ele não falava de sapatos. Não manter os pés calçados era, no mínimo, ambíguo. Os olhos gentis de Dom Nelson ativavam minha subjetividade. E eu só queria estar atenta e entregar um relatório com informações relevantes.

Procurei caminho para me aproximar dos meus companheiros de viagem. Fiz como a luz do sol: procurei fendas, fissuras, furos. Pequenos vãos me permitiram estabelecer um sutil contato com as pessoas adultas da caravana. Chegamos a Alto Paraíso de Goiás. O barro vermelho na estrada me tomou olhos, narinas, ouvidos, boca. Uma densa nuvem de poeira vermelha, levantada pelas rodas do ônibus, avermelhou minha jornada. Ali questionei o motivo dos meus pensamentos compactados. Quando deixei de ser partícula em movimento? Desejei ser poeira levantada. Era a terra me chamando para confiar no movimento da vida.

As rochas ancestrais da chapada me acolheram; lá armei minha barraca próximo a um rio. Nosso primeiro acampamento foi no povoado do Moinho, no coração da Chapada dos Veadeiros, às margens do rio Bartolomeu. Quando anoiteceu, cessaram as vozes, e eu tentei dormir no breu da noite. O rio falou durante toda a noite. Me esforcei para entender seus enigmas. Parei de lutar com a razão; como as águas, procurei o caminho mais fácil e fui gotejando possibilidades. Ali questionei minha imobilidade. Quando foi que me tornei poça rasa? Desejei ser e fluir como o rio. Era a água me chamando para correr e desaguar noutro lugar.

Acordei em território sagrado, terras de rochas muito antigas. Algumas pessoas perguntaram se Kalunga eu era. A pergunta ainda ecoa em mim. Kalunga é o nome do maior território quilombola do Brasil, e fica bem perto de onde estávamos acampados. Kalunga, eu?

Na língua banto, a palavra *Kalunga* significa ‘lugar sagrado, de proteção’. Eu sou semente de um baobá distante. Fui plantada na terra. Mas também sou terra fértil. Povo a terra e sou terra povoada. Meu corpo é território. Kalunga, eu. A pergunta provocou o segundo acordo. Sou terra habitada por sonhos. Eu sou o sonho dos meus ancestrais e planto sonhos que não serão colhidos por mim. Sou lembrada do que me fez desejar ser professora: construir caminhos. Internamente, voltei a caminhar. Voltei a cantar e a sorrir. Lia para em minha frente. Deve ter 4 ou 5 anos. Quebrei o silêncio que me rodeava. Parecia que a conversa não renderia, mas rendeu muito.

LIA

VOCÊ NÃO PÕE OS PÉS NO CHÃO?

A menina movia os dedos da mão, para me explicar como escrevia LIA.

– Oi, Veronica. Você sabe meu nome, né? Lia: L; palitinho com pingüinho em cima; A.

Ela sabia meu nome. Eu sorri diante da surpresa. Tentei soletrar meu nome com gestos, seguindo o método de Lia. Ela achou demorado demais e disse que meu nome tinha muitas letras. Lia era tão pequena quanto seu nome. Sua voz era tão sonoramente suave quanto o trio de letras que a nomeava. Cantei uma ciranda e dançamos timidamente. Uma outra Lia, a de Itamaracá, nos aproximava. Eu contei uma história. Lia contou-me várias. Ela estranhava o motivo pelo qual eu andava com os pés calçados o tempo todo.

– Você não põe os pés no chão?

Eu queria dizer tanta coisa naquele momento! A pergunta da pequena me abriu tantas possibilidades de respostas! No entanto, apenas respondi que estava com medo de machucar os pés. Lia sorriu, parecia julgar bobo o medo relatado. A menina tratou de mudar de assunto, sabia que eu era uma das pessoas que cozinhava durante a viagem, e me trouxe a receita da sopinha que a mãe dela fazia. Uma sopinha bem boa,

segundo Lia. Alimentada pela generosidade daquele encontro, escrevi meu primeiro registro: “Memória e narrador – Lembranças de casa e domínio tipológico”.

Lia discorria sobre contínuo tipológico com extrema naturalidade; ao relatar as lembranças de uma “sopinha bem boa”, oralidade e escrita se apresentaram como práticas discursivas que não concorrem, não competem, pelo contrário, complementam-se. Eu poderia escrever aqui a receita, mas deixaria de fora todas as outras informações que o corpo de Lia me deu. Rezei por Lia. As escolas concentraram seus estudos especialmente nas produções escritas, dando pouca ou nenhuma atenção à oralidade. Crianças são silenciadas, pois na maioria das nossas escolas, a escrita ainda pretere a oralidade. Muitos alunos perdem, durante o processo de escolarização, a fluidez das ideias, a velocidade da produção e o controle da comunicação. A alfabetização é apenas um braço do letramento; deveria ser um facilitador, e não um freio comunicativo.

A conversa terminou por conta de um banho de rio. Eu segui saboreando a sopinha de palavras, gestos, olhares e sorrisos. Os últimos vinte anos de minha vida compartilhei com crianças do Rio de Janeiro e de São Paulo – projetos sociais; escolas; casas de acolhimento; igrejas. A vida de Lia não correspondia à realidade da maioria das crianças com quem convivi. A realidade de um estudante pobre e periférico pode ser cruel. A caminho do sertão do Piauí encontrei crianças transbordando vida e carregando muitas queixas da vida escolar.

A palavra escola vem do grego *scholé* e significa ‘lugar do ócio’. Quem tinha dinheiro e tempo livre, na Grécia Antiga, se reunia na escola para pensar e refletir sobre a vida. No Brasil, uma série de palavras e expressões utilizadas no universo escolar me causam estranhamento: trabalho de casa; lição; disciplina; grade curricular; conteúdo programático. O ócio e a reflexão não estão oficialmente no programa; assim como não estão o vínculo, o encontro e a vida. Falar de economia doméstica, planejamento familiar e profissão não é refletir sobre a vida. Nada é mais limitador que treinar um indivíduo para desempenhar um papel na sociedade.

A infância deveria ser o lugar das possibilidades. Nossa sociedade é tão adoecida que os adultos preenchem todo o tempo livre das crianças

com atividades extracurriculares. Uma menina que gosta de dançar é automaticamente matriculada na aula de dança. A partir daí, os movimentos ganham nome e padrão de execução. Ela só queria dançar, agora precisa cumprir as agendas da escola e participar de mostras de danças que não estavam em seus planos. É extremamente violenta essa ideia de dar utilidade aos gostos e às habilidades de uma pessoa o tempo inteiro. Assim como é violento sentar alguém por quatro horas e meia, cinco vezes na semana, para ouvir, copiar e reproduzir o que foi ouvido e anotado.

JANAÍNA
NA ESTRADA

Depois de seis dias de viagem, paramos na estrada a caminho de Teresina-PI para tomar café da manhã. Atrás do balcão da lanchonete, os olhos redondos de Janaína brilharam ao ver tanta gente descendo de um ônibus colorido. Filha do dono do estabelecimento, a menina de 12 anos de idade criou uma estratégia para perguntar quem éramos e o que estávamos fazendo ali. Eu conto sobre o Wiphala, falo que sou professora e começamos a conversar sobre escola.

– É quente, não tem porta e faltam muitos professores. – Janaína foi taxativa.

Eram tantas queixas que começamos a falar de possibilidades. Não era responsabilidade dela, mas deixá-la no desencanto era muito desconfortável. Pegamos papel e caneta e escrevemos: direitos, possibilidades e sonhos. Diante de mim emergia uma figura poderosa. Janaína é a própria força criativa e criadora. Deixei que ela falasse, pois sabia mais das coisas que eu. Diante dela, me calei. Vi o pai da menina orgulhoso da filha que tem.

Mais uma mestra que encontro no caminho, Janaína. Ela vive no tempo do mito, ainda não tem angústia da certeza. Isso a faz viva, tão viva que me emociona. Havia nela uma memória profunda, formada por seus ancestrais. Uma memória que não estava nos livros, mas adormecida sob a pele de um sujeito coletivo. Com apenas 12 anos, ela

disserta sobre como deveria ser a escola em sua região e em qualquer lugar parecido com sua cidade. Sobre sua escola, ela considera:

– A escola não é boa pros alunos. Falta professor. É muito quente. A merenda é bolacha com suco. Será que vai sair aluno bom de lá?

*Se é no campo da educação que você
começa a fabricar o sujeito, a construir
a pessoa, que tipo de gente nossas
escolas estão pretendendo formar?*

(Ailton Krenak)

As escolas da periferia do Brasil são muito semelhantes na falta de estrutura, compartilham dificuldades muito fundamentais. Criança alguma merece ser obrigada a ficar horas passando calor, esperando o professor que não chegará e comendo lanches ou refeições que político algum comeria (e pode piorar: o Brasil pode ter um déficit de 235 mil professores na educação básica em 2040, segundo o Instituto Semesp). Ninguém precisa andar sete mil quilômetros para encontrar uma sala de aula sem estrutura digna para crianças e professores. Não precisa ir longe, basta colocar seus pés no chão de alguma escola real pra ver o tanto de coisa que ainda precisamos fazer por nossas crianças.

Escolas cintilantes, feitas para meia dúzia de gente com as mesmas características socioeconômicas não são reais. São escolas modelos, escolas dos sonhos de educadores e crianças. Muitos educadores e professores que produzem materiais ou escrevem sobre educação não pisam no chão de escolas reais há anos ou nunca pisaram. É importante sonhar com um modelo de educação, mas é na prática diária, com vínculos bem estabelecidos, que reside a possibilidade de construção de mudanças. Janaína representa as crianças em vulnerabilidade social que conheci: crianças feridas emocionalmente, inclusive pelo descaso do Estado, buscando recuperar a confiança nelas mesmas para conseguir realizar sonhos.

Quase meio-dia, o sol se fazia presente com tanta imponência que fiquei assustada. Eu estava na cidade de Altos do Piauí; a 26 quilômetros dali, o acampamento da caravana estava fixado. Naquele dia, acordei antes do sol e peguei o único ônibus que sai da zona rural para a cidade. Era sábado, dia de feira no mercado central. Sábado, os produtores locais se reúnem no mercado para vender um pouco de tudo. Cheguei cedo, antes de o comércio de rua abrir. Fui direto para a feira. Vi a vida acordar na cidade, enquanto comia pastel e tomava caldo de cana. Nesse dia, andei de loja em loja pra assuntar sobre a vida e os moradores do local. Tomei sorvete e retornei à praça da igreja, onde pegaria o ônibus para voltar ao acampamento.

Noemilly e Naemilly esperavam o mesmo ônibus que eu.

– Eu vi tu – disse Noemilly.

– Eu vi também – disse Naemilly.

Elas explicaram que me viram cedinho no mesmo ônibus que elas. Eu não as vi, porque eram muito miúdas, e, quando subi no transporte, elas já estavam sentadinhas com sua mãe e avó. Noemilly Maria se apresenta cheia de solenidade:

– N; o; e; m; i; l; l; y. Noemilly Maria é meu nome.

Nunca encontrei tanta criança soletradeira!

– O nome de minha irmã é Naemilly Cristina. Moramos no Retiro, cidade de Altos, Piauí.

Correspondo à solenidade do contato falando nome e lugar de onde vim. Explico que estou passando férias em Altos. Como referência, dou a casa de dona Francisca e seu Assis. Elas correm pra mãe e contam a novidade. Voltam, repetem algumas vezes que gostaram dos meus cabelos, que não sabiam o nome, mas que era muito bonito.

Explico pra elas sobre *dreads*. Mostro no celular fotos de outras pessoas com o mesmo penteado. Elas danaram a falar sobre as coisas da cidade. Eu perguntei sobre a escola e acabou a conversa. As meninas tinham se apresentado na festa da escola com danças típicas do Piauí. Sem muita explicação, o espetáculo surgiu. Elas começaram a dançar.

Sentei, deixando a parte alta da calçada para a dupla. Cantaram e dançaram duas músicas completas. Sem saber como retribuir o presente, levantei pra aplaudir de pé. Logo, me seguraram pelas mãos. Formamos uma roda. Noemilly disse que era a preparação para o “Balandê Baião” e o “Cavalo Piancó”³. De primeira, não entendi o que elas falaram, mas tratei de pegar a coreografia de pronto. Quando percebi, eu estava cantando, bailando e trotando como um cavalo manco. Falei:

– Cavalo manco.

Elas responderam:

– Piancó⁴.

Nossos corpos se entendiam. Noemilly coordenava toda a coreografia com os olhos. Seis anos de idade e muita memória no corpo. Ela se portava como uma velha jongueira e regia a roda com os cânticos. O primeiro verso era de Noemilly; Naemilly e eu éramos o coro. Tudo estava ali: a roda; a fogueira; a reza; a força da vida.

Cavalo Piancó

Ora meu cavalo é piancó

Ora meu cavalo é piancó

Ora meu cavalo é piancó

Bunito pra vadiar

Companheiro troca o par

Ele corre corre e bate o pé

Ele corre corre e bate o pé

Vai parar no canindé

Vai parar no canindé⁵

3. O Balandê Baião e o Cavalo Piancó são danças centenárias que mantêm vivas tradições africanas no Piauí. O primeiro registro que se tem das danças é de 1887, por meio da obra do escritor Jonas Batista.

4. Piancó significa ‘manco’; o movimento básico da dança simula o trote de um cavalo manco.

5. Canindé é um rio brasileiro que banha o estado do Piauí.

Não sei quanto tempo passamos dançando no meio da rua, no centro da cidade de Altos. Sob o sol de quase meio-dia, dançávamos enquanto o ônibus não chegava. Tempo é uma grandeza física considerada uma das dimensões do universo. Meu universo foi expandido por aquelas pequenas irmãs. Elas tinham pouco tempo de vida, 6 e 4 anos, porém traziam uma constelação de seres por dentro e por fora. O balandê me fez girar em meu próprio eixo. Ensolarada. Fui movendo o ar ao meu redor e expandindo. A memória do meu corpo foi ativada. Minhas pequenas mestras sorriam e cantavam mais alto. “*Ajádi agbón li o nsoro si*” é um provérbio yorubá que trago tatuado no braço. Significa ‘o dique foi rompido’. A primeira vez que senti as paredes que me continham estremecer, as irmãs não eram nascidas. Na ocasião, era tanta água represada em mim, que muita coisa foi arrastada pelo rompimento do dique. Noemilly e Naemilly me trouxeram a sensação de um novo rompimento. O ônibus chegou.

– Eu vou sentar mais tu – disse uma e depois a outra.

Antes de tomar assento, perguntei se eu tinha dançado bem. Como resposta, ouvi:

– É... dançou. Mas tinha que estar sem bota, com os pés no chão.

Voltei pra zona rural de Altos, e a primeira coisa que fiz foi guardar as botas. A Terra me chamava. Subi uma trilha na mata pra ver o sol se pôr. No caminho, espinhos de tucum, muitas pedras soltas e escorpiões. Mas eu estava decidida a caminhar com os pés no chão. Mesmo sabendo que eu voltaria com a escuridão da noite, confiei na Terra. Por estar sem sapatos, pisei suavemente o solo, senti que uma nova forma de estar no mundo e na escola emergia. Desci do mirante de onde vi o sol se pôr e fui à beira da fogueira do acampamento.

Alguns músicos tocavam e cantavam na roda. Dancei com os pés no chão por horas, girei noite adentro. Ciranda, coco e cavalo piancó. A criança que eu fui surgiu diante das chamas, ao som dos tambores, querendo brincar com a noite. Cuidei para que ela brincasse em paz. Em paz me despedi da roda e fui dormir em minha barraca.

Na manhã seguinte, desmontei a barraca e levantei acampamento. Era hora de voltar pra casa. Uma roda de despedida foi convocada na manhã do último dia.

Lia participou com seu pai da roda de despedida. Ela me perguntou se ficarei em São Paulo como ela. Respondi:

– Não ficarei em São Paulo. Voltarei pra minha casa. Eu moro no Rio⁶.

Lia me olhou nos olhos e perguntou:

– No fundo?

De cara, não entendi a pergunta. Depois... considereei a possibilidade.

6. Redução de “Eu moro na cidade do Rio de Janeiro”.



Site Caravana: <https://www.caravanaarcoiris.org/> Instagram: [@caravanaarcoiris](https://www.instagram.com/caravanaarcoiris)

Veronica Pinheiro coordena a Comunidade Selvagem e o Grupo Crianças Selvagem há seis meses. Artista de rua, brincante e professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, desde 2012, pesquisa o ensino de arte para as relações étnico-raciais como mestrande do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. Atuou, nos últimos anos, como coordenadora no Núcleo de Arte Grande Otelo, Unidade de Extensão Educacional da Secretaria Municipal de Educação carioca para o Ensino de Arte. Licenciada em Literaturas, especializou-se em Leitura e Produção de Texto no Ensino Fundamental; a partir daí, como servidora da Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, dinamizou as discussões sobre Orientações Curriculares de Língua Portuguesa nos Encontros Regionais da Secretaria de Educação, esteve como diretora da Escola Municipal de Aplicação Carioca Escultor Leão Velloso e como articuladora do movimento *Entre Jovens* – uma parceria do Instituto Unibanco com a SME-Rio para o avanço contínuo da educação pública.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos a Samia Rios pela revisão deste caderno.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

SAMIA RIOS

Samia é leitora e estudante entusiasmada desde criança, seu amor pelas narrativas a levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalha há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão.

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore